



Narrativas

Idalina Bueno de Magalhães

Um Conto

Em certa cidade sertaneja, era costume diversos amigos reunirem-se, para jogar, em casa do Coronel *manda-chuva*.

Em uma noite, a conversa versou sobre a coragem. Uns diziam que eram muito medrosos, outros calavam-se, e só um sustentou que era corajoso, que não tinha medo a nada deste mundo nem do outro...

Então propuzeram-lhe que, se tivesse coragem de ir àquela hora (seriam 11 da noite), ao cemitério buscar uma caveira, ganharia todo o dinheiro que se achava sobre a mesa.

O tal respondeu todo "pimpão":

"Irei, agora mesmo, e mostrarei para que serve minha coragem. Medo é cousa que não conheço".

Nesse momento, passava na rua um desses pandegos, um espirito zombeiteiro, que, ouvindo a conversa, poz-se, imediatamente, a caminho do cemitério, para ver a coragem do heroi. Chegando lá, escondeu-se perto do lugar onde se achavam as caveiras, bem lá no extremo do campo santo.

O nosso valentão, ao entrar na necropole, foi assobiando e cantarolando para espantar algum *medinho*.

Chegando ao cemitério, dirigiu-se para o lugar onde se achavam amontoadas as caveiras. Pensando na grande somma de dinheiro, pegou uma caveira, mas ao faze-lo, ouviu logo uma voz lugubre e cavernosa que dizia "Largue, que é minha"... Estremecendo, todo apavorado largou, repentinamente, a Caveira e pegou n'outra, ouvindo outra vez: "Larga, que é minha". Aterrorizado, mas continuando a pensar no dinheiro, e ainda na vergonha do fracasso, se não sustentasse o que disse, pegou na terceira, e pernas para que te quero...

Mas, quanto mais corria, mais perto ouvia a voz repetir "Larga que é minha". Esbaforido, chegando a casa disse "Ahi está a caveira, mas o dono vem atrás". Ouvindo todos a voz que reclamava sua caveira, fugiram precipitadamente, deixando todo dinheiro encima da mesa.

O pandego, achando a casa deserta, limpou a mesa, encheu os bolsos, e foi contar adiante suas aventuras, rindo-se *da coragem* do coronel e seus adulares.

Idalina Bueno

O Estudante - 19/3/1931

— Este momento pede-se em um desses pontos, um ponto
 zombeteiro que, quando se conversa, por se intencionalmente
 caminho do caminho para vir a origem do lado. Chegando lá,
 esquecer-se pelo do lado onde se estavam se conversando, não há no
 entanto do campo santo.

O nosso visitante, ao entrar na metrópole, foi recebido e
 cantando para receber algum visitante.

— Chegando ao caminho, disse-se para o lado onde se estavam
 amonstrescamente. Entretanto, quando se chegou ao destino, para
 uma conversa, não se fez de outro lado, por se falar e conversar
 que não se pode mais. Entretanto, quando se chegou ao destino,
 apontando-se à direita e para a esquerda, quando se viu, a
 que é melhor, apontando para o caminho e para o destino,
 outras maneiras de fazer, não se fez de outro lado, por se falar, na
 ocasião e para quem que estava.

— Mas, quando se chegou lá, para onde se vos tornar, para
 que é melhor, apontando o caminho e para o destino, não se fez
 mais o mesmo lado, quando se fez que se estava no caminho,
 alguma maneira de fazer, não se fez de outro lado, por se falar,
 quando se chegou a esse destino, quando se fez, quando se fez,
 para se fazer de outro lado, quando se fez de outro lado, quando
 se fez de outro lado.

Matriz de Sant'Ana

Para mais de duzentos anos se transcorreram, desde que os primeiros povoadores se agasalharam sob a proteção da veneranda Mãe de Maria Santíssima, ao se instalarem às margens do Iapó.

Pedro Taques de Almeida, José de Góis e Moraes, pioneiros de nosso povoamento, professavam a devoção a Sant'Ana, numa demonstração inequívoca desse sentimento cristão, característico daqueles desbravadores, que implantaram a fé e a civilização nas Brasília's terras.

Ao redor daquela primeira tosca capelinha, que o fervor religioso de Bartolomeu Pais de Abreu erigiu, colocando o pequenino templo e os poucos moradores sob a proteção da milagrosa Ana, se desenvolveu o núcleo, conservando, por séculos, a devoção inicial.

Os carmelitas Frei Bento Rodrigues de Santo Angelo e Frei José de Santa Tereza de Jesus, oficiando na capela do Capão Alto, ligaram-se à nossa cronologia religiosa como os primeiros sacerdotes a dar assistência permanente aos habitantes, a partir de 1759. As condições precárias de uma segunda capela no Iapó, onde se celebrou a primeira missa, em 26/7/1769, decepcionaria o bispo Dom Matheus de Abreu Pereira, em 1798. O prelado demarcou lugar para nossa igreja, contando somente com modestos óbulos populares, não pequenas foram as dificuldades enfrentadas pelo Vigário Padre José Loureiro de Almeida. Assim, somente em 1840, concluiu-se a sacristia. A obra tomou impulso com a chegada do Padre Damaso José Corrêa - *"eminente prelado, honesto, inteligente, cômico de sua responsabilidade"*, na opinião do historiador conterrâneo José Pedro Novas Rosas, cuja obra me serve de fonte de pesquisa. Inaugurou-se a capela-mor, em 4/6/1848 e, em 1876, dava-se por terminada a edificação do corpo principal da Matriz.

A benéfica atuação do Padre Damaso não se interrompeu após a sua morte, pois ele ligara por testamento o valor de seis contos de réis para construção da torre, concluída pelo Padre Sezinando. Pequenino e modesto, porém solene e festivo, repicaria o sino naquele longínquo 1887 e, a partir de então, a esguia torre se projeta para o infinito, como um ponto de admiração pelo trabalho uníssono e edificante deste povo devoto. Após reforma parcial, colocaram-se novos sinos,

cujos sons ouvimos, trazendo-nos, diariamente, a lembrança do sacrifício, da abnegação de quantos já trabalharam, inclusive o braço escravo, de todos quantos já contribuíram para tão nobilitante obra da construção e remodelação deste histórico templo, sob cujo teto orou Pedro II.

Nossa matriz é preciosa relíquia, venerável patrimônio legado pelos antepassados: ali, recebemos as águas do batismo; ali, levamos para a última prece os entes amados; para ela voltam-se nossas almas nos momentos amargos ou nas horas de alegria, porque, ali, está perenemente Sant'Ana, a nos acolher em seu magnânimo coração!

E sobre a população laboriosa e confiante, do Céu desce a proteção da excelsa Padroeira Sant'Ana!

Castro-Jornal - 19/1/1957



Imagem de Sant'Ana

- Acervo da Matriz de Sant'Ana.
- Exposição no Museu do Tropeiro.
- Escultura de Frei Matias de Gênova ou procedente de Portugal.

